



## **EDUCAÇÃO DO CAMPO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA ESCOLA MUNICIPAL IRINEU JOSÉ DE MARIA (SÍTIO MANGUAPE / MONTADAS-PB)**

Dayane Nascimento Sobreira

Universidade Federal da Paraíba – [dayanesobreira26@gmail.com](mailto:dayanesobreira26@gmail.com)

**RESUMO:** Este trabalho é fruto das discussões do componente “Educação do Campo: princípios e fundamentos” cursado na Especialização em Educação do Campo da UFPB no primeiro semestre de 2017. Nosso objetivo é elucidar os resultados da disciplina que utilizou a metodologia da pedagogia da alternância, pautada no momento de discussões teóricas em sala de aula e no tempo comunidade. Nesse sentido, essa comunicação terá como eixo norteador a análise da presença de uma educação *do e no* campo na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Irineu José de Maria, localizada no Sítio Manguape, município de Montadas-PB, agreste do estado. Traremos uma discussão sobre os fundamentos e histórico da educação do campo no Brasil e refletiremos sobre a escola e a comunidade em que está inserida, em uma tentativa de traçar considerações e apontar caminhos pedagógicos de valorização do campo e dos seus sujeitos. Para isso, realizamos visitas na escola e entrevistas com a professora do ensino infantil e a gestora escolar em exercício no fito de enxergar a cultura da escola, suas práticas e interligação com a realidade ao redor e as experiências dos alunos. Travamos um diálogo com autores/as da área como Roseli Caldart, Sônia Meire e outros/as que nos ajudaram a traçar aqui essas considerações. Esperamos contribuir com discussões a respeito da educação do campo efetivada no estado da Paraíba e em particular ênfase na rede municipal de ensino de Montadas. São muitos os desafios, mas enxergamos uma abordagem do campo em potencial elucidada na prática docente da escola e nas perspectivas traçadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação do Campo; População Camponesa; Montadas.

Dos estudos sobre a questão agrária no Brasil, luta pela educação do campo e sua trajetória, fundamentos, política educacional à visita à Escola Municipal Irineu José de Maria; em um só caldo, a dimensão da teoria e observação na prática. Escolhemos a observação na referida escola por alguns motivos, como a proximidade da minha casa e ligação afetiva com a mesma. Nela cursei meu ensino fundamental I e tenho proximidade com as professoras, com a dinâmica e atividades da escola. Também pelo fato de meus irmãos lá estudarem. Esses elementos permitiram uma análise mais holística da pauta dessa pesquisa também pelo fato de eu fazer parte da comunidade em que a escola se insere.

Localizada no Sítio Manguape do município de Montadas/PB, a escola atende cerca de 40 alunos nos turnos manhã e tarde. Com turmas multisseriadas, conta com três professoras, uma delas reside na própria comunidade e as demais na cidade de São Sebastião de Lagoa de Roça/PB. Para essa pesquisa, entrevistei a professora do ensino infantil Francineide Patrício e a gestora, Francineide Valentim. Mediante agendamento prévio, me dirigi à escola no horário



do intervalo e fui rodeada por olhares curiosos das turmas do pré I e pré II. Também, fiz alguns registros da estrutura física da escola, que poderão ser vistos ao longo dessa apresentação.

### **A Educação do Campo: Histórico e Fundamentos**

Como nos diz Batista (2006), as lutas no campo no Brasil se iniciaram com a invasão europeia. Campo que é espaço de sociabilidades, conflitos, palco dos movimentos na luta por acesso à terra, direitos sociais e trabalhistas e contra as injustiças sociais. Nossa história, marcada por desigualdades, refletiu na terra as contradições, em que uns tem muito e outros tão pouco. Para a autora, essa existência de uma estrutura agrária discrepante gerou, contudo, resistências e mobilizações, o despertar de “culturas subjugadas, vozes silenciadas, aviltadas, renegadas, que insistem em ser ouvidas” (BATISTA, 2006, p. 01).

Um extenso histórico de resistências é o que visualizamos no decorrer da história do Brasil. Resistências, contudo, que foram duramente reprimidas e basta lembrarmos do poder dos coronéis, do messianismo, do Cangaço, da repressão às Ligas Camponesas no Nordeste. Energias revolucionárias que durante os anos foram colocadas em ebulição para a emergência de um projeto de educação do campo e para o campo, conceito que de acordo com Caldart (2008), não pode ser compreendido sem o entendimento da sociedade brasileira atual e a dinâmica específica que envolve os sujeitos sociais desse campo. Para quem a educação do campo é denúncia/resistência, projeto/utopia, práticas e propostas concretas do que fazer, sendo também perspectiva de transformação social e emancipação humana.

Marcados pelo paradigma do moderno que valorizou o industrializado e o cidadão, em contraposição ao rural, os sujeitos do campo são vítimas de um processo de exclusão com raízes históricas que reforçam a necessidade de um projeto de educação transformadora, pauta dos movimentos sociais. Foi com a perspectiva de valorização cultural e do entendimento garantido pela Constituição de 1988 de que a escola é um direito universal, que a educação do campo enquanto projeto de educação libertadora foi se efetivando, transformando-se em pauta de conferências e debates, tornando-se um paradigma.

Qual paradigma seria esse? Entendido como território político e teórico que contribui para transformar uma realidade, a educação do campo está para a prática dos movimentos camponeses, “que a constituem como prática/projeto/política de educação e cujo sujeito é a classe trabalhadora do campo” (CALDART et al, 2012, p. 13). Concepção que é construída



não *para* os trabalhadores rurais, mas *por* eles e *com* eles. Por trabalhadores do campo entendamos uma pluralidade de sujeitos que vão desde o agricultor familiar, o assentado, o boia-fria, passando pelos povos indígenas, quilombolas e povos da floresta.

A educação do campo se diferencia por sua vez, da educação rural, que foi elaborada historicamente para atender interesses outros que não o da classe trabalhadora. Esse projeto envolve porquanto, uma concepção de campo clara: o campo da agricultura familiar, palco de vida, luta, soberania alimentar e cultura. Nascendo como denúncia do modelo de educação para o meio rural e contraposto a este, o movimento inicial de educação do campo foi segundo Roseli Caldart (2004, p. 13), “uma articulação política de organizações e entidades para denúncia e luta por políticas públicas de educação do e no campo, e para mobilização popular em torno de um outro projeto de desenvolvimento” que não o do agronegócio.

Esse projeto de educação não se faz, contudo, sem o diálogo com as teorias pedagógicas que traz em sua origem três referências fundantes de base materialista e dialética: a pedagogia socialista, a pedagogia do movimento e a pedagogia freiriana. Essas influências juntas promovem a elaboração de uma proposta que procura dar conta da promoção de uma educação participativa, reflexiva e conscientizadora no campo. É enfim um projeto societário e educativo e também:

Espaço de renovação dos valores e atitudes, do conhecimento e das práticas. Instiga a recriação de sujeitos do campo como produtores de alimentos e de culturas que se constituiu em território de criação e não meramente de produção econômica (FERNANDES; MOLINA, 2004, p. 50).

“Paradigma com cheiro, cor e saber” (Idem, p. 51), a educação do campo se pauta ainda na assunção de uma visão de totalidade dos processos sociais e das identidades, a partir da premissa de que é possível fazer do campo uma opção de vida digna e pulsante. Caldart (2004) destaca o caráter de protagonismo desses sujeitos nos seus processos educativos em vínculo direto com a matriz do trabalho e da cultura. É uma educação feita *no* e *do* campo.

Alguns processos e formulação de leis foram responsáveis por consolidar o campo de debate da educação do campo. Segundo a autora, a preparação e realização da I Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo no ano de 1998, inaugurou um processo de mobilização que no plano das políticas públicas foi coroado com a aprovação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (parecer nº 36/2001 e resolução nº 1/2002 do CNE). A II Conferência, realizada em 2002 buscou acelerar e intensificar tais

pautas (II CNE/CEB, 2004). Dessas lutas, a formulação de bases legais que a fundamentam, dentre os quais:

- **Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril de 2002.** Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.
- **Resolução nº 2, de 28 de abril de 2008.** Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo.
- **Decreto nº 7.352, de 4/11/2010** – Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA.
- **Parecer CNE/CEB Nº1/2006.** Trata de dias letivos para a aplicação da pedagogia de alternância nos centros familiares de formação por alternância.
- **Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010.** Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.
- **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009.** Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

### **Em campo**

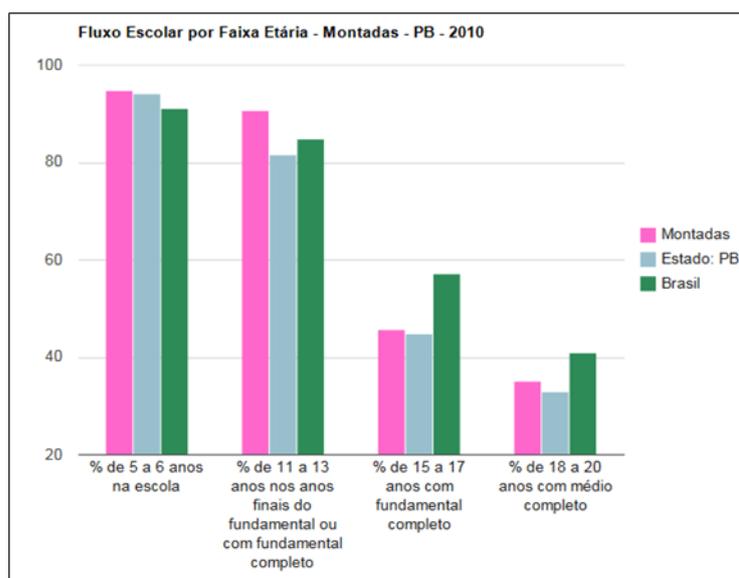
Segundo dados do censo realizado pelo IBGE no ano de 2010, dos 3.766.528 habitantes da Paraíba, 24,6% residem na zona rural, taxa proporcional ao que ocorre no município de Montadas, no agreste do estado. Para 4.990 habitantes, 1.834 habitam a zona rural. Localizado na microrregião de Esperança, é limítrofe aos municípios de Areial, Pocinhos, Puxinanã, Lagoa Seca e Esperança. Segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil (2013), o município apresenta um baixo IDH, ficando com 0,590 e uma densidade populacional de 194,54 hab/km<sup>2</sup>.



**1.0.** Localização do município de Montadas/PB.

Fonte: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Montadas>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

No que concerne à educação, o município mantém uma média superior à da Paraíba no fluxo escolar por faixa etária, tendo alcançado uma média de 5,1 no último IDEB (anos iniciais).



**2.0.** Fluxo escolar por faixa etária no município de Montadas/PB.

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2013). Acesso em: 30 mar. 2017.

Adentramos a Escola Irineu José de Maria localizada no Sítio Manguape do município, com o fito de pesquisar e analisar o exercício ou não de uma educação contextualizada à realidade dos alunos. A escola, localizada a 5,8 km da sede administrativa do município está disposta no limite com os municípios de Lagoa Seca e Areal. Aos arredores da escola existem outros pontos de acesso a serviços públicos como posto de saúde e orelhão, além de uma igreja católica e casas que caracterizam o local como um pequeno arruado.



Fazem parte da comunidade agricultores familiares, pequenos comerciantes e servidores públicos que estão organizados em associações comunitárias e se socializam muito a partir das atividades da igreja local e das feiras semanais da cidade de Esperança. Quase todas as casas da comunidade dispõem de boas condições de habitação e saneamento, a renda é gerada a partir dos roçados e quintais produtivos, programas sociais do governo e de trabalhos manuais como o artesanato, realizado basicamente por mulheres.

Devido à forte seca, carros-pipa particulares, da prefeitura ou do Exército estão fazendo o abastecimento de água na região, que conta com pequenos reservatórios e cisternas. O Rio Mamanguape (que nasce no município e desemboca em Rio Tinto, no litoral norte e que apresenta correnteza temporária) passa bem próximo à escola, que no período de fortes chuvas dificulta o livre trânsito de pessoas pela estrada principal de acesso.



**3.0.** Vista frontal da Escola Irineu José de Maria.  
Acervo da autora.

A escola conta com 38 alunos matriculados, distribuídos entre o pré-escolar 1 e o 5º ano. Um número relativamente pequeno e decrescente no decorrer dos últimos anos, motivo de preocupação por parte dos pais e funcionários. Sobre isso, a professora do ensino infantil Francineide Patrício comenta:

Eu acho que essa diminuição se deu muito por causa dessa facilidade com relação ao transporte escolar e muitos preferem levar os filhos para a cidade. E também devido a essa questão da seca, em que muitas pessoas estão deixando o sítio para ir para a cidade. Muitas escolas já estão fechando devido a essa diminuição de alunos, né?! (Francineide Patrício, entrevista concedida à autora em: 29 mar. 2017).



A fala da professora evidencia os motivos da baixa taxa de matrículas na escola, o que é complementado pela gestora Francineide Valentim:

Eu vejo que outro fator é a natalidade que tem diminuído. (...) Mesmo na cidade já diminuiu o número de crianças e em nossa comunidade os pais são mais puxados para idosos, os jovens que se casam tomam rumo para a cidade e na maioria só querem dois filhos (Francineide Valentim, entrevista concedida à autora em: 29 mar. 2017).

Essa realidade é ampla, haja vista que muitas escolas veem sendo fechadas na região. No intuito de assegurar mais alunos e também atendendo a pressão dos pais, desde o ano de 2015 a prefeitura disponibiliza um veículo para buscar os alunos que moram em locais mais afastados da escola, o que garante assiduidade e também segurança. A insegurança e um grande número de estupro registrado nas redondezas durante o ano passado, gerou temor e tem dificultado inclusive o lazer de adultos e crianças, afetando suas rotinas e o desenvolvimento pleno da vida na comunidade.

Com relação à estrutura física a escola conta com três salas de aula, uma secretaria, uma cozinha, um refeitório e dois banheiros sendo um feminino e outro masculino. Rodeada por muros e calçamento de concreto, na parte externa também há duas cisternas, uma caixa d'água e uma guarita.



**4.0.** Salas de aula da Escola Irineu José de Maria.  
Acervo da autora.



São sete o número de funcionários, dentre gestora, secretária, auxiliares de serviços gerais, merendeira e três professoras. Duas delas residem na cidade de São Sebastião de Lagoa de Roça, localizada a 6 km da escola. Uma mora na própria comunidade e todas atendem a turmas multisseriadas. Questionada sobre a prática da educação contextualizada à realidade da comunidade, a professora diz:

A meu ver a escola é bem assistida, tem uma equipe pedagógica que dá assistência, temos planejamento bimestral (...) e sempre tentamos ver que a questão rural do aluno não seja desperdiçada, que a gente insira no aprendizado deles essa questão, tendo em vista que precisamos atender a realidade dele, não podemos fugir disso (Francineide Valentim, entrevista concedida à autora em: 29 mar. 2017).

Verificamos a não existência de um setor dentro da secretaria de educação para a educação do campo nem eventos e formações específicas. Professora e gestora chegaram a afirmar terem conhecimento dos documentos que legislam a educação do campo, mas não explanaram detalhes. A escola tem um projeto político pedagógico (PPP) que ficou de ser enviado para meu endereço eletrônico (*e-mail*). Mesmo com o destaque e ciência por parte do corpo diretor e docente da escola da necessidade de pautar a realidade camponesa dos alunos e deles próprios (a gestora mora ao lado da escola e também uma das professoras), há ressalvas importantes a serem destacadas. As dependências da escola se assemelham a uma escola urbana, levando-se em conta que não há espaços para a construção de hortas, para brincadeiras ao ar livre e para a observação do entorno.

Sobre os materiais didáticos utilizados na escola, a professora Francineide Valentim destaca a necessidade de elaborar materiais para além do livro, visto que segundo ela:

O livro traz uma realidade bem diferente. Ele não traz o conteúdo que a criança precisa aprender, a gente tem que trabalhar uma didática moderna, mas precisamos dar conta do tradicional senão a criança não vai dar conta de uma universidade, de um ENEM e esse material não prepara (...) Quando vai juntar os meninos do sítio e da cidade não prepara do mesmo jeito, são realidades diferentes (Francineide Valentim, entrevista concedida à autora em: 29 mar. 2017).

A partir dessa fala, observamos que para alguns educadores a noção e prática da educação do campo se encontra distante da abordagem de conteúdos e saberes necessários para determinada idade e série. Nessa visão, a educação do campo deixaria de formar para o que “realmente interessa”, pois levaria em conta o trabalho de relação com a realidade, mas



suspostamente desconectada de competências adquiridas. O que é rebatido por alguns teóricos do campo:

Essa formação deve estar fundada na condição humana situada no seu universo, neste caso, o universo do campo, do local, interconectado com o que ocorre globalmente. É uma educação que avança porque propõe o questionamento de quem somos nós, o que queremos com as ocupações de frações do território, que o modelo de desenvolvimento do campo é preciso investir, que mundo queremos construir. Significa aprender a questionar nossa posição no mundo e como nos reorganizamos herdando as coisas desse próprio mundo (JESUS, 2004, p. 66-67).

Vemos então que a educação do campo não propõe sobrepor saberes, mas formar no entendimento de que é partindo da cultura, do local e das necessidades dos sujeitos do campo que formamos cidadãos plenos, munidos de pertencimento e consciência.

A professora Francineide Patrício destaca que as poucas opções de livros didáticos acabam levando ao trabalho mesmo que secundário com livros e contextos diferentes dos vividos pelos alunos. A escola utiliza a coleção Campo Aberto disponibilizada pelo PNLD (2016-2018).

## **Conclusão**

Vimos uma contextualização necessária, definição e fundamentos da Educação do Campo, projeto libertário de educação dos sujeitos do campo e para o campo, hoje respaldada por documentos e legislações próprias. Marcada por lutas e pelo protagonismo camponês, está para a agricultura familiar, para a construção de identidades, para a valorização da cultura popular e da diversidade de etnias, sexualidades e credos. É enfim, “uma prática fundamental de reinvenção social, pois ela questiona os dispositivos utilizados para manter a desigualdade e a exclusão, e ainda reinventa novas formas de intervenção” (JESUS, 2004, p. 73).

Como um *outsider*, esse que de fora adentra uma lógica posta<sup>1</sup> (o cotidiano da escola), visitei a Escola Municipal Irineu José de Maria. Tecidas algumas considerações, analiso que o conceito e prática da educação do campo na escola está sendo elaborado, há a ciência de que é preciso trabalhar com uma educação contextualizada, mas esse trabalho precisa ser lapidado e polido. A formação com as professoras pode ser uma importante via de acesso para essa efetivação.

---

<sup>1</sup> Cf. ELIAS e SCOTSON, 2000.



## REFERÊNCIAS

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. O campo como território de conflitos, de lutas sociais e movimentos populares. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso; JEZINE, Edineide (Orgs.). **Educação Popular e movimentos sociais**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2006.

CALDART, Roseli Salette. Elementos para a construção de um projeto político pedagógico da Educação do campo. In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire S. Azevedo de. (Orgs.). **Por Uma Educação do Campo: Contribuições Para a Construção de Um Projeto de Educação do Campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional “Por uma Educação do campo”, 2004. (Caderno 5).

\_\_\_\_\_. Sobre Educação do Campo. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos. **Por Uma Educação do Campo: campo- políticas públicas – educação**. Brasília: Incra; MDA, 2008. (Caderno 7).

\_\_\_\_\_ [et al.]. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. 2. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FERNANDES, Bernardo Mançano; MOLINA, Mônica Castagna. O campo da Educação do Campo. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_; JESUS, Sonia Meire S. Azevedo de. (Orgs.). **Por Uma Educação do Campo: Contribuições Para a Construção de Um Projeto de Educação do Campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional “Por uma Educação do campo”, 2004. (Caderno 5).

II CONFERÊNCIA NACIONAL POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO. “Por uma Política Pública de Educação do Campo”. **Texto-Base**. Luziânia-GO, 2 a 6 de agosto de 2004.

JESUS, Sônia Meire dos Santos A. de. Questões paradigmáticas da construção de um projeto político da educação do campo. In: MOLINA, Mônica Castagna; \_\_\_\_\_ (Orgs.). **Por Uma Educação do Campo: Contribuições Para a Construção de Um Projeto de Educação do Campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional “Por uma Educação do campo”, 2004. (Caderno 5).